

O TRABALHO EM GRUPO: VIVÊNCIAS DE ALUNOS DE ENFERMAGEM¹

GROUP WORK: EXPERIENCES OF UNDERGRADUATE NURSING STUDENTS

EL TRABAJO EN GRUPO: VIVENCIA DE ALUMNOS DE ENFERMERÍA

Keylla Mara Campos da Silva²
Adriana Katia Corrêa³

RESUMO: A proposta deste estudo é compreender o que é para o aluno do curso de graduação em enfermagem vivenciar situações de trabalho em equipe/grupo. A partir do referencial fenomenológico, foram realizadas entrevistas individuais com nove discentes do 4º ano de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, sendo, posteriormente, analisadas conforme Martins e Bicudo (1989). Emergiram as seguintes categorias: trabalho em grupo focado nas disciplinas; o trabalho em grupo vivenciado em sala de aula; trabalho em grupo: relacionamento entre discentes e discente-professor; o trabalho em grupo em campo de estágio; preparados para o trabalho em grupo? Considerando que a prática profissional em saúde vem apontando a necessidade de se configurar de modo interdisciplinar e que a formação acadêmica apresenta lacunas quanto ao exercício do trabalho grupal, convém repensar acerca dessa formação, resgatando a compreensão da complexidade das relações humanas, envolvendo as dimensões políticas, institucionais e interpessoais. **PALAVRAS-CHAVE:** alunos de enfermagem, relações interprofissionais, educação em enfermagem, trabalho em grupo

ABSTRACT: This study aims at understanding the meaning attributed by undergraduate nursing students to the experience of group/team work. Based on the phenomenological framework. Individual interviews were conducted with nine students from the fourth year of the undergraduate program at the University of São Paulo at the Ribeirão Preto College of Nursing. Later, these were analyzed according to Martins and Bicudo (1989). The following categories emerged: group work focused on subjects; group work experienced in the classroom; group work: relationship among students and among students and teachers; group work in the training field; are students prepared for group work? By taking into account that professional practice in healthcare has shown the need to be interdisciplinary and that academic education presents gaps, concerning the practice of group work, re-thinking about such education becomes relevant, since it will recover the understanding of complexity in human relations involving their political, institutional and interpersonal dimensions.

KEYWORDS: nursing students, interprofessional relations, nursing education

RESUMEN: La propuesta del estudio es comprender lo que significa para el alumno de la carrera de enfermería vivenciar situaciones de trabajo en equipo/grupo. A partir del referencial fenomenológico, se realizaron entrevistas individuales con nueve alumnos del 4º año de Enfermería de la Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto – USP, y después se analizaron conforme Martins y Bicudo (1989). El resultado son las siguientes categorías: el trabajo en grupo enfocado en las disciplinas; el trabajo en grupo vivenciado en clase; trabajo en grupo; relacionamiento entre discentes y discente-profesor; el trabajo en grupo en las prácticas y ¿preparados para el trabajo en grupo? Considerando que la práctica profesional en salud está apuntando la necesidad de configurarse de modo interdisciplinar y que la formación académica presenta lagunas cuanto al ejercicio del trabajo en grupo, conviene repensar esa formación y rescatar la complejidad de las relaciones humanas, dentro de unas dimensiones políticas, institucionales e interpersonales.

PALABRAS CLAVE: alumnos de enfermería, relaciones interprofesionales, educación en enfermería

Recebido em 14/01/2002
Aprovado em 26/06/2002

¹ Trabalho de Iniciação Científica.

² Aluna do 8º semestre do curso de graduação em enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

³ Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (Orientador).

INTRODUÇÃO

Considerando que é a partir da prática inter-relacionada de vários trabalhadores que se constituem as ações de saúde, é nítido o entendimento de que, após a formação acadêmica, o enfermeiro inicia suas atividades profissionais, inserindo-se em alguma equipe de trabalho, o que remete à necessidade de estabelecer relações entre as pessoas, em um determinado contexto, com determinado propósito.

Além desta idéia geral de que o enfermeiro atua em articulação com outros profissionais no cumprimento de seus afazeres cotidianos, cabe considerar que, em muitas situações específicas, esse profissional coordena equipes/grupos em atividades terapêuticas, de orientação, dentre outras.

Estar em grupo/equipe, trabalhar em conjunto, é bastante complexo. A idéia corriqueira de que trabalhamos em equipe/grupo precisa ser melhor analisada: atuar com outras pessoas significa necessariamente constituir-se um grupo de trabalho, o que pressupõe compartilhar idéias e sentimentos, diálogo e enfrentamento de conflitos?

Na medida em que pensamos acerca da importância do trabalho em equipe/grupo, tantas vezes enfatizada no decorrer do curso de graduação em enfermagem, voltamos, especificamente, para a formação profissional: até que ponto a formação acadêmica vem oferecendo subsídios para que o aluno se prepare para uma vida profissional em equipe/grupo? Como esse tema vem sendo enfocado na perspectiva do aluno? Como têm sido as vivências dos discentes no que se referem às situações de equipe/grupo?

Esses questionamentos têm emergido de nossas experiências, como aluna e como docente de graduação em enfermagem, vividas ao longo do processo de formação profissional. Ao iniciarmos esse projeto de iniciação científica, pudemos compartilhar algumas de nossas vivências e expectativas, considerando que essa temática nos é muito significativa.

Assim, a proposta deste estudo é compreender o que é para o aluno do curso de graduação em enfermagem vivenciar situações de trabalho em equipe/grupo, em sua formação acadêmica.

O TRABALHO EM EQUIPE/GRUPO NA ENFERMAGEM: APROXIMAÇÃO TEÓRICA

Pirola (1999), fundamentando-se em Anzieu, Bersusa e Riccio (1996), estabelecem uma diferença entre a palavra grupo e a palavra equipe. A palavra equipe origina-se do termo "esquif" - fila de barcos amarrados uns aos outros e puxados por homens ou cavalos, sugerindo a idéia de trabalho em equipe. Nesta idéia, estão implícitos o conceito de hierarquia e a ausência de subjetividade. A palavra grupo provém do italiano "gruppo" ou "gruppo", palavras que indicam, em Belas Artes, vários indivíduos pintando ou esculpindo, caracterizando um trabalho criativo. Essa autora ressalta que a enfermagem utiliza, principalmente, a palavra equipe ao invés de grupo. Provavelmente, esta utilização se justifica pela influência das teorias organizacionais.

Considerando a diferenciação entre equipe e grupo, apontada anteriormente, enfocamos alguns conhecimentos

a respeito do processo grupal na enfermagem, compreendendo que eles são necessários ao enfermeiro ao realizar suas atividades assistenciais, gerenciais e de ensino.

Munari e Rodrigues (1997) afirmam muitas das atividades realizadas pelos homens se processam em grupos. Para Olmsted citado por Campos et al. (1992, p.42) "O grupo é definido como uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo significativamente importante em comum".

Um grupo não é um somatório de indivíduos, mas se constitui como uma nova identidade, com seus próprios mecanismos. Apesar disso, é indispensável que se preserve a individualidade específica de cada um de seus componentes (MUNARI,1995).

Comentam Saeki et al. (1999, p.343), que "viver o grupo significa ainda lidar com a diversidade, com a falta de algo pronto e acabado, mas também, com a união e a criação".

Diante do exposto, compreendemos que apesar de viver com o outro ser uma característica fundamental para o homem, não se trata de um processo simples, ao contrário, é extremamente complexo, já que envolve lidar com sentimentos, interesses, perspectivas de mudanças, valores e crenças distintos.

Seja para cumprir uma atividade específica, atuar terapêuticamente ou promover aprendizado, é preciso compreender que os grupos têm uma dinâmica própria que deve ser trabalhada com competência humana, exigindo um preparo adequado do profissional. Vários autores como Munari (1995), Matheus (1995), Bersusa e Riccio (1996), Saeki et al. (1999) enfocam a necessidade de se refletir acerca do preparo do enfermeiro, considerando-o importante para que o profissional realize suas atividades em grupo de modo mais efetivo e reflexivo.

Nesse sentido, consideramos importante a realização deste estudo, voltado especificamente para as vivências dos alunos de graduação em relação às experiências em grupo. Acreditamos que o mesmo possa contribuir para a reflexão sobre a formação profissional no que se refere a esta temática.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste estudo, foram utilizadas algumas idéias do referencial fenomenológico de pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa (...) se preocupa (...) com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (...) (MINAYO, 1994, p.21-22).

Lopes et al. (1995, p.51) indicam que "as pesquisas de abordagem fenomenológica na enfermagem devem estar centradas em questões que têm o sujeito como pessoa que vivencia o mundo de modo próprio".

Uma idéia fundamental neste referencial é de que trabalhamos com o fenômeno, ou seja, o objeto em estudo não existe em si, mas em relação com o sujeito que o vivencia. O pesquisador não parte de uma teoria pré-estabelecida, mas movido pela sua inquietação busca compreender o fenômeno como algo que pede um

O trabalho em grupo: vivências...

desvelamento, se mostrando de maneiras distintas para aqueles que o vivencia.

Após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, foram realizadas entrevistas individuais com discentes do 4º ano da graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, tendo em vista que já vivenciaram quase todo o processo de formação.

Cabe considerar que uma entrevista cujo propósito é permitir que o outro exponha suas vivências, seu modo de pensar e agir, não pode ser compreendida somente como uma busca de dados. Nesse sentido, se faz importante a proximidade do pesquisador, estabelecendo uma relação de confiança, considerando que no enfoque fenomenológico, a entrevista é um encontro social, no qual estão presentes a empatia, intuição e imaginação (MARTINS; BICUDO, 1989).

A coleta de dados com abordagem fenomenológica exige que o pesquisador disponha de tempo e, principalmente, disponibilidade pessoal, interior (BOEMER, 1994). Desse modo, ele terá condições para ouvir e compreender as experiências relatadas pelos sujeitos.

Em todos os aspectos anteriormente mencionados, está contemplado o respeito aos preceitos éticos que devem nortear o desenvolvimento de uma pesquisa com seres humanos. Após ser explicitada a proposta deste estudo aos alunos, o pesquisador aguardou a manifestação de interesse do discente para participar nesta investigação, sendo, então, realizadas nove entrevistas que se mostraram suficientes para compreender o fenômeno em estudo, considerando as convergências de suas falas.

As entrevistas foram agendadas previamente, fora do horário das atividades curriculares, nas próprias dependências da escola, nos meses de agosto e setembro de 2001. Antes da realização da entrevista, o aluno foi esclarecido quanto à proposta da pesquisa, o procedimento utilizado, os benefícios do estudo e o sigilo de suas informações, assinando, caso concordasse em participar, o termo de consentimento livre e esclarecido. Quando autorizado pelo discente, foi utilizado o gravador, o que ocorreu somente em três entrevistas. Nas situações em que não era permitida a gravação, foi feito o registro da entrevista, de modo o mais fidedigno possível, ao término da mesma.

Tal entrevista foi aberta e dirigida pela questão norteadora: **Gostaria que você pensasse em sua formação ao longo dos anos em que cursa a faculdade, relatando como tem sido para você suas experiências em grupo.**

As entrevistas foram analisadas de acordo com Martins e Bicudo (1989). Em um primeiro momento, foram lidas atentamente, numa aproximação inicial com o que foi explicitado pelos discentes. Em seguida, cada entrevista foi lida novamente, quantas vezes se fez necessário, sendo buscados trechos significativos, tendo em vista a interrogação deste estudo. Esses trechos podem ser denominados de unidades significativas. Posteriormente, as entrevistas foram aproximadas umas às outras, emergindo suas convergências e divergências que configuraram as categorias temáticas que foram analisadas.

Cabe salientar que "(...) em todos os momentos, os dados precisam ser examinados, questionados amplamente de forma a ajudar o pesquisador a manter o foco de atenção

no todo, sem perder de vista a multiplicidade de sentidos que podem estar implícitos" (BOEMER, 1994, p.91). a seguir serão apresentadas as categorias que emergiram da interpretação dos depoimentos dos alunos.

OTRABALHO EM GRUPO ENFOCADO NAS DISCIPLINAS

Em muitas entrevistas, os alunos enfocaram o modo como as disciplinas cursadas ao longo da graduação abordam o tema trabalho em grupo.

Em alguns momentos, citam disciplinas que se referem a essa temática como "Saúde Pública", "Administração Hospitalar", "Psiquiatria" com destaque para a disciplina "Dinâmica de Grupo", ministrada no 7º semestre, que, em suas falas, mais os aproximam desse conteúdo, fazendo com que um dos entrevistados, inclusive, referisse que foi importante cursar essa disciplina, pois, nesse momento, começou a sentir as dificuldades de se trabalhar em equipe.

(...) somente após a disciplina de Dinâmica de Grupo passei a perceber o que é o trabalho em grupo, assim percebi o quanto é difícil (...) as outras disciplinas só citavam o trabalho em equipe (E1).

Compreendemos que apesar dessa aproximação, os alunos vivenciaram este conteúdo desvinculado das atividades práticas e das demais disciplinas, tornando difícil a sua apreensão mais significativa.

Na graduação existe a Dinâmica de Grupo que os alunos não dão valor, porque passam a maior parte do curso na pressão de que têm que saber fazer os cuidados ao paciente (...) esquece que para ser um bom profissional precisa se relacionar com os outros, não só com o paciente, então deixam de dar importância a essas disciplinas, não fazem, empurram, levam de qualquer jeito quando tem nota, talvez faltam (E.3).

Essa desvinculação teórico-prática presente no decorrer da graduação, talvez, esteja relacionada à falta de interesse que alguns alunos podem apresentar em relação a este tema.

OTRABALHO EM GRUPO VIVENCIADO EM SALA DE AULA

Os alunos também se remeteram a situações vividas em sala de aula nas quais são divididos em subgrupos para realização de algumas atividades, apontando limitações como desinteresse, dificuldade de relacionamento, centralização de decisões, falta de confiança no trabalho do colega e rivalidades:

(...) nos trabalhos em grupo em sala de aula, apenas alguns alunos estão interessados e por dentro do assunto (E1).

Quando em sala de aula são propostos trabalhos em grupo, os pequenos grupos são melhores e prefiro, pois nos grupos grandes ficam muitas pessoas sem fazer nada e poucos fazem o trabalho (E2).

Em sala de aula, quando é proposto trabalho em grupo, não me sinto motivada, pois não me sinto à vontade, me sinto deslocada, na verdade, não gosto. Acho que

existem poucos, um ou dois, que se sentem donos da verdade e não deixam os outros opinarem, isso vive ocorrendo nos grupos que participo, acho que é por isso que tenho resistência (E5).

Nas disciplinas que propõem grupos em sala de aula, na grande maioria, não funciona, pela falta de concordância das pessoas, a gente não tem confiança no trabalho do outro, pelo motivo da rivalidade (E8).

Os grupos que formei foram bons, tanto em sala de aula quanto em estágio. Já os grupos impostos foram conflituosos, pois a gente não se conhece direito, falta afinidade (E9).

Em sala de aula, os alunos, em suas falas, não se mostraram, de modo geral, receptivos ao desenvolvimento de atividades grupais, o que nos leva a alguns questionamentos: estarão os alunos ainda acomodados com o ensino mais tradicional, quase sempre restrito às aulas expositivas? A utilização de dinâmicas grupais, em alguns momentos, estará deslocada de projetos educativos de caráter mais flexível e participativo, limitando-se apenas a novas técnicas de ensino?

TRABALHO EM GRUPO: RELACIONAMENTO ENTRE OS DISCENTES E ENTRE DISCENTE - PROFESSOR

Alguns alunos, assim, enfatizaram as dificuldades de se relacionar em grupo com os próprios discentes, o que para eles também está relacionado com a própria formação, acentuando-se no final do curso, quando os alunos competem por uma colocação no mercado de trabalho.

Acho que a convivência em equipe é muito difícil, por exemplo, com alunos existe muita competição, cada um quer ser melhor que o outro, para ter noção da competitividade, hoje em Administração e no final do 4º ano, a competitividade entre os alunos aumenta, pois tem a questão do emprego em jogo (E5).

Acho que nossa classe de enfermeiros e alunos é muito desunida, um quer se melhor que o outro, isso vem da nossa própria graduação que nos torna pessoas e profissionais egoístas (E8).

Alguns discentes explicitaram que os próprios docentes têm dificuldades em mostrar ao aluno o que é o trabalho em grupo para além da teoria:

(...) os próprios professores não sabem trabalhar em equipe, na teoria pregam o trabalho em equipe na enfermagem, mas na prática só delegam funções aos alunos, não abrindo possibilidades de discussão, alguns é claro (...) (E5).

Os docentes por mais que estudem o que é grupo, não sabem o que é ele na prática (E8).

É importante considerarmos alguns valores impostos pelo mundo moderno e, muitas vezes, reproduzidos na formação do aluno anterior ao seu ingresso na universidade. Faz parte da vida do estudante o caráter individual e competitivo. Desde a preparação para o vestibular, ele aprende que só vencem os "melhores" e ele deve ser um desses, e é com este conceito que muitos chegam à universidade, o

que pode ser reforçado pelo modelo tradicional de ensino, no qual somente o mestre detém conhecimentos e tem o dever de transmiti-los aos aprendizes, com limitada abertura para críticas, opiniões e diálogos, não se estabelecendo uma relação democrática entre aprendiz e mestre. Tal modelo de ensino é, ainda, o adotado por alguns docentes.

O TRABALHO EM GRUPO EM CAMPO DE ESTÁGIO

Enfocando o campo de estágio, um aluno refere que, muitas vezes, o professor não propicia condições para os alunos se integrarem entre si e com a equipe para desenvolverem suas atividades.

(...) o professor quer saber o que o aluno fez e o que deixou de fazer, não se integra, não quer saber se o aluno ajudou o outro, a gente até é avaliado na nossa conduta em relação aos outros alunos e em relação à equipe, porém não é incentivado (...) (E3).

(...) a gente acaba trabalhando à margem da equipe (...) eu me sinto tentando "pegar o bonde andando" (E9).

Nesse sentido, é enfocada a necessidade de se inserir o aluno no grupo de trabalho, articulando sua atuação com a do docente e a dos profissionais do campo:

(...) deve começar a introduzir o aluno no grupo, e não o aluno e os professores [isolados], e sim o aluno, os professores e os profissionais (...) (E6).

Somente a partir da prática da disciplina de Administração Hospitalar (...) que estamos inseridos no grupo, temos contato com todos os profissionais para prestar o cuidado, a gente tem a oportunidade de conversar com todos os profissionais de forma segura, sendo que antes, nas outras disciplinas ficávamos restritos ao paciente que éramos responsáveis (E7).

No final da graduação, ao cursarem, principalmente, a disciplina "Administração Aplicada à Enfermagem Hospitalar", os alunos têm a oportunidade de analisar a sua inserção no campo de forma diferenciada dos estágios anteriores, e, assim, as relações estabelecidas com os profissionais, revelam-se de modos variados, desde uma relação "mais madura" até conflituosa, havendo, inclusive, para alguns, o questionamento quanto à existência ou não de um trabalho em grupo:

(...) a relação com funcionários depende da postura, afinidade, mas ao longo destes anos tem sido boa, você percebe que agora no quarto ano, em Administração Hospitalar, é uma relação mais madura, você tem contato mais direto, mais próximo com funcionários, uma relação de maior confiança (E4).

O aluno tem muita dificuldade de se entrosar no grupo nos estágios, pois existe muita resistência dos profissionais, principalmente dos enfermeiros (...) (E8).

(...) nos estágios, em algumas instituições, não existe trabalho em equipe, pois se houvesse, com certeza, não existiriam as relações de poderes, onde cada um quer ser melhor que o outro, como no exemplo, durante uma disciplina, ao ver o médico fui perguntar a ele sobre certa prescrição do paciente, ao terminar o diálogo, a professora

O trabalho em grupo: vivências...

e um funcionário vieram me repreender, pois como pude perguntar alguma coisa a um docente da Medicina (E2).

Em alguns campos, não existe o trabalho em equipe, e sim existe muita intriga, fofoca, onde um quer "puxar o tapete" do outro (E5).

O trabalho em equipe é só um rótulo, na prática não existe (E1).

PREPARADOS PARA O TRABALHO EM GRUPO?

Em algumas entrevistas, os alunos explicitam não se sentirem preparados para o mercado de trabalho, no que se refere ao trabalho em grupo:

Não me sinto preparada para entrar no mercado de trabalho em relação ao trabalho em equipe (E1).

Eu não me sinto totalmente preparada, acho que a gente tem que sempre estar aprendendo na vida, sempre estudando (E4).

Não me acho preparada para o mercado de trabalho em equipe, por não ter vivenciado na prática (E5).

Não me sinto preparada para o mercado de trabalho em grupo, pois a gente deve estar sempre aprendendo conforme as situações do momento. Os estágios voluntários ajudaram para o futuro em relação ao trabalho em equipe (E8).

Outros discentes, ao contrário, sentem-se mais preparados, o que está relacionado a uma busca de crescimento pessoal:

Me considero preparada para o mercado de trabalho, pois nos últimos estágios, fui buscar sozinha meu crescimento, e hoje me vejo muito mais preparada que antes, creio que algo me auxiliou a isto, foi sorte de ter me relacionado com profissionais e alunos que proporcionaram meu crescimento (E2).

Com base em minha graduação, na minha formação pessoal, eu acredito que estou preparada, pois muita coisa busquei fora dos estágios, com estágios voluntários, e por ser uma pessoa que gosta de se comunicar, conversar, não tenho muito preconceito, por isso que me acho preparada, é claro que não estou formada, nunca vou ser a mais perfeita, erros acontecem, eu vou sempre estar aprendendo todo dia, tem que ter vontade, aprender todo dia (E3).

Cabe destacar que o estágio voluntário é mostrado pelo aluno como oportunidade para vivenciar situações mais reais de inserção nos grupos de trabalho, o que se diferencia da percepção que alguns discentes têm quanto a maioria dos estágios realizados ao longo do curso, nos quais se sentem à parte do processo de trabalho desenvolvido na unidade.

É significativo apreender que para alguns alunos o preparo para o trabalho em grupo dar-se-á ao longo de sua trajetória profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que os alunos de enfermagem reconheceram a importância do "trabalho em grupo" no

cotidiano profissional, o que é, de certo modo, enfatizado ao longo de sua formação, mas apontaram a necessidade de melhor articulação teórico-prática em relação às disciplinas, bem como enfatizaram a possibilidade de uma inserção nos campos de estágio que não se restrinja apenas à relação professor-aluno, englobando mais efetivamente a relação professor-aluno-profissional do campo.

Um ponto que foi salientado na fala dos alunos é a sua percepção quanto aos limites dos próprios docentes em vivenciarem o trabalho em equipe. Porém, acreditamos que tanto para os alunos como para os docentes, o trabalho em grupo extrapola o aprendizado formal, envolvendo as vivências cotidianas que precisam ser continuamente repensadas, o que exige disponibilidade interior.

De qualquer modo, convém repensar acerca da formação para a atuação em grupo, o que vem sendo uma exigência da prática profissional em saúde, a qual vem apontando a necessidade de se configurar de modo interdisciplinar.

Comenta Osório (2000) que o século que se inicia será balizado pela busca da dimensão grupal, ultrapassando a procura pelos espaços individuais marcante no século que ora finda. O desafio do novo milênio é aprender a conviver.

Nesse contexto, compreendemos, a partir das falas de alunos do curso de graduação em enfermagem, que a formação acadêmica apresenta lacunas no que se refere ao exercício do trabalho grupal que pode se tornar idealizado ou, inacessível, quando as suas dificuldades emergem no cotidiano. Ou seja, trabalhar em grupo exige uma compreensão da complexidade das relações humanas em suas dimensões políticas, institucionais e interpessoais, envolvendo a diversidade de modos de pensar, sentir e agir, o enfrentamento de conflitos e a constituição do fazer cotidiano não simplesmente como ações pré-definidas, mas como contínuo exercício de "ser gente".

REFERÊNCIAS

- BERSUSA, A.A.S.; RICCIO, G.M.G. Trabalho em equipe: instrumento básico de enfermagem. In: CIANCARULLO, T.I. **Instrumentos básicos para o cuidar**: um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu, 1996. Cap. 7, p. 75-97.
- BOEMER, M.R. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. **Rev. latino-americana enfermagem**, Ribeirão Preto, v.2, n.1, p. 83-94, jan. 1994.
- CAMPOS, M.A. et al. Dinâmica de grupo: reflexões sobre um curso teórico vivencial. **Tec. Educ.**, v.21, n.108, set./out. 1992.
- LOPES, R.L.M. et al. Fenomenologia e a pesquisa em enfermagem. **Revista Enf. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p.49-52, maio 1995.
- MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.
- MATHEUS, M.C.C. O trabalho em equipe: um instrumento básico e um desafio para a enfermagem. **Rev Esc. Enf. USP**, São Paulo, v.29, n.1, p.13-25, abr. 1995.
- MINAYO, M.C.S. et al. **Pesquisa social**: teoria, método e

criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUNARI, D.B. ; RODRIGUES, A.R.F. Processo grupal em enfermagem: possibilidades e limites. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v. 31, n.2, p.237-50, ago. 1997.

MUNARI, D.B. **Processo grupal em enfermagem**: possibilidades e limites. 1995, 130f. Tese (Doutorado) - Escola Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade São Paulo, Ribeirão Preto, 1995.

OSÓRIO, L.C. **Grupos**: teorias e práticas - acessando a era da grupalidade. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIROLO, S.M. **A equipe de enfermagem e o mito do trabalho em grupo**. 1999. 188f. Dissertação (Mestrado), Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SAEKI, T.et al. Reflexões sobre o ensino de dinâmica de grupo para alunos de graduação em enfermagem. **Rev Esc. Enf. USP**, São Paulo, v.33, n.4, p. 342-7, dez.1999.